

# O Novo Papel do Pai: a ciência desvenda o impacto da paternidade no desenvolvimento dos filhos

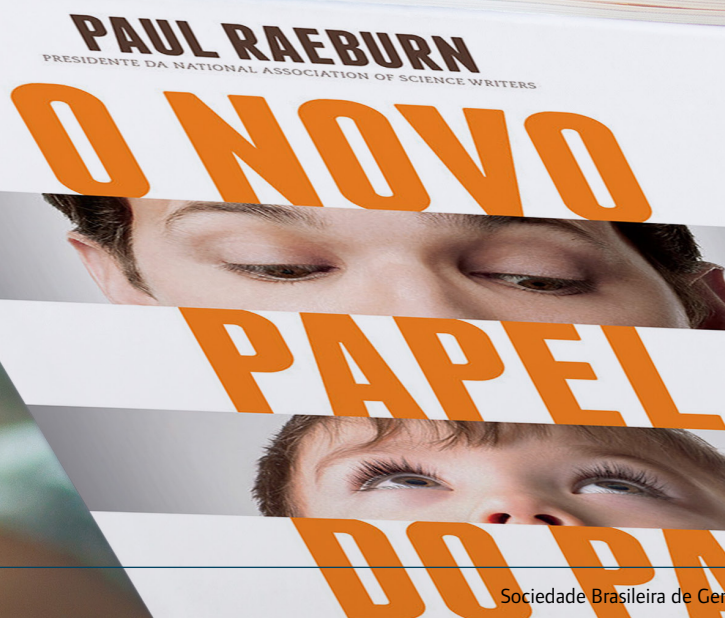
**Fabricio Luís Lovato<sup>1</sup>, Émilie Scheunemann-Lovato<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Santa Maria, RS

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química, Santa Maria, RS

Autor para correspondência - fabricio.biotox@gmail.com

**Palavras-chave:** paternidade, estrutura familiar, influências genéticas, imprinting genômico



Enquanto uma busca por “*fathers*” (pais) no *PubMed* (o catálogo online da Biblioteca Nacional de Medicina dos EUA) retorna 20.589 resultados, uma busca por “*mothers*” (mães) retorna 133.407 resultados\*, uma diferença de mais de seis vezes. Tais resultados apontam que os pais (ao longo dessa resenha, os genitores masculinos) foram (e ainda são) frequentemente negligenciados em estudos científicos. Mas, com a ocorrência de diversas mudanças econômicas e sociais, as quais afetaram as famílias, novas pesquisas estão surgindo e apontando ligações inesperadas entre pais e seus filhos. A obra “*O Novo Papel do Pai: A Ciência Desvenda o Impacto da Paternidade no Desenvolvimento dos Filhos*” (Editora Agir, 2015, 1. ed., 224 páginas), de Paul Raeburn, discute muitas das recentes pesquisas de áreas diversas como a Neurociência, a Genética, a Fisiologia, a Psicologia e a Sociologia, as quais apontam para fortes influências paternas sobre os filhos. O autor, um jornalista científico, é ex-presidente da *National Association of Science Writers* e escreve para revistas e jornais como *Scientific American*, *Psychology Today*, *Discover Magazine*, *Technology Review*, entre outros.

\* Dados da busca em 18 nov. 2018.

Os genes do pai, seu ambiente, comportamento e até mesmo aparência podem ter efeitos substanciais sobre a geração seguinte, alcançando mesmo os netos. As influências vão desde a aquisição da linguagem à sexualidade adolescente, da sociabilidade ao sono, do peso ao desempenho escolar. Muitas seções do livro contêm informações relevantes que podem ser apresentadas e discutidas em aulas de Biologia, tanto por professores do Ensino Médio quanto do Ensino Superior.

No primeiro capítulo (páginas 23-40) as raízes da paternidade em nossa espécie são tratadas, discutindo-se como alguns dados paleontológicos e antropológicos podem lançar luz sobre a questão. O segundo capítulo (páginas 41-60) contém explicações sobre o conceito de *imprinting* genômico e como ele pode tornar os indivíduos vulneráveis a uma variedade de doenças genéticas e mesmo ajudar a explicar as origens de doenças mentais como o autismo e a esquizofrenia. O quinto capítulo (páginas 104-120) discute como a paternidade esculpe e molda o cérebro tanto do pai quanto dos filhos. As alterações biológicas em áreas como o córtex pré-frontal e o

córtex auditivo não são aleatórias, mas associadas às motivações e ao estado de espírito do pai. O oitavo capítulo (páginas 152-171) discute os riscos da paternidade em idade avançada, muitos dos quais só eram relacionados às mães até recentemente. Entre os riscos analisados, estão os de maiores chances de desenvolvimento de autismo, transtorno bipolar, síndrome de Down, defeitos congênitos, nanismo, aborto espontâneo, parto prematuro e diminuição da capacidade intelectual.

A obra resume oito anos de investigação da nova ciência da paternidade por parte do autor, sendo escrita de forma acessível ao público leigo. Raeburn mostra como o papel do pai é distinto do da mãe, realizando contribuições importantes e singulares aos seus filhos, mas de forma alguma indicando que a ausência do pai sujeita as crianças ao fracasso ou algo semelhante.

As evidências apresentadas podem ajudar os pais na compreensão de como serem melhores naquilo que fazem. A leitura da obra é recomendada, independentemente de qual seja a constituição familiar.